

## **Diversidade Cultural e Interculturalidade - Perspectivas e Desafios dos Setores Populares\***

*Euclides André Mance  
IFiL - Instituto de Filosofia da Libertação*

### **Introdução**

Desenvolveremos nossa reflexão tendo como referências a teoria da complexidade e as filosofias latino-americanas de libertação. Tomaremos como eixo temático o crescimento da colaboração solidária entre diferentes redes e organizações populares de inúmeros países que culminou na emergência dos Foruns Sociais Mundiais. Essa colaboração solidária vem engendrando processos dialógicos que realimentam conexões e fluxos entre as diversas organizações, potencializando ações complexas de transformação social, conectando o local e o global, o singular e o integral, praticando novas relações econômicas, políticas e culturais em vivo diálogo com as tradições solidárias de caráter popular, visando a emergência de novas sociedades pós-capitalistas.

### **Um cenário Atual**

A conjuntura atual global apresenta dois movimentos contraditórios: uma globalização capitalista e uma globalização solidária..

Por um lado a *Globalização Capitalista* avança, desdobrando os impactos produtivos, políticos e culturais da terceira revolução tecnológica (da informática, robótica e biotecnologia), gerando o fenômeno de uma gigantesca produção de riqueza, acompanhado de exclusão econômica das majorias e ampliação progressiva do *disposable time*, do tempo de trabalho disponível que não pode mais ser empregado na produção de bens de consumo final sob a lógica da geração de lucros no mercado. Ela engendra a universalização de um pragmatismo econômico, subalterno à lógica dos mercados, especialmente do mercado financeiro, bem como a difusão cultural de um certo modelo de consumo e de padrões estéticos e éticos compatíveis com essa globalização capitalista da produção em larga escala. Esta globalização promove uma unidimensionalização da cultura, da política e da economia, desterritorializando antigos âmbitos regionais, nacionais e populares de identificação coletiva e de construção de projetos comuns. Ela pode conduzir, conforme o grau de subserviência das comunidades, a uma perda nacional de referenciais culturais identificadoras, em razão de fenômenos transnacionais de produção de subjetividade operadas, especialmente, através das mídias eletrônicas, veiculando mensagens em tempo real pelo mundo todo, particularmente com os impactos da publicidade que produz imaginários e desejos em torno de uma certa configuração de sociedade de consumo.

Sob o aspecto cultural, esse processo de globalização capitalista traz consigo perdas irreparáveis para a humanidade. A imensa diversidade de sabedorias, sensibilidades, poesias, e modos diferentes de se experimentar a existência humana e de se organizá-la coletivamente, de se compreender a história, a realidade e o que nos transcende está sendo mutilado ou irremediavelmente perdido. As línguas naturais, principal repositório e fonte para a criativa transformação das culturas, tem sido vítimas de um extermínio implacável. Em 1884 havia 8.064 línguas vivas catalogadas, entre as quais 787 eram praticadas na Europa. Atualmente este número baixou para aproximadamente 3.500. Toda a rica diversidade cultural fervilhante em mais de 4 mil línguas vivas, morreu no século passado. A língua materna mais falada atualmente no mundo, o mandarim - praticado por mais de 950 milhões de pessoas - é tão morta na Internet quanto o latim<sup>1</sup>.

Porém, de outra parte, nas três últimas décadas vemos surgir, entre os setores populares da sociedade civil em diversos países, inúmeros movimentos populares de resistência e de luta por libertação que passam a se integrar internacionalmente em redes e fóruns construindo alternativas na perspectiva de promover uma *Globalização Solidária*, integrando economicamente o consumo ético, o comércio justo, o crédito solidário, a autogestão como forma democrática de produção sob a perspectiva de uma

---

\* Apresentado no *II Encuentro sobre Diversidad Cultural e Interculturalidad*, dezembro de 2002, organizado por Instituto del Desarrollo Humano, UNGS, Buenos Aires.

<sup>1</sup> Cf. "A língua franca varre tudo". *Revista Veja* - Especial : Computador, o Micro chega às casas. Abril, 1995. p. 123

economia solidária, socialmente justa e ecologicamente sustentável<sup>2</sup>. Esta globalização solidária busca promover e acolher as diversidades eticamente realizadas e realizáveis, compartilhando esperanças e lutas dos mais diversos movimentos e organizações que tratam dos direitos humanos, das questões de gênero, do respeito à livre orientação sexual e religiosa, da geração de trabalho e renda, do asseguramento da paz entre as pessoas e os povos, enfim, da promoção das diversas formas históricas de realização da cultura humana em harmonia com os ecossistemas e que promovam as liberdades públicas e privadas.

A partir desta colaboração solidária entre inúmeras redes, conectando o local e o global, compondo dialógicamente as diversidades em movimentos democráticos que preservam o dissenso argumentado, pode-se vislumbrar os primeiros sinais do nascimento de uma nova formação social que tende a superar a lógica capitalista de concentração de riquezas e exclusão social, de destruição dos ecossistemas e de exploração dos seres humanos, afirmando a construção de novas relações sociais solidárias que têm o potencial de dar origem a novas sociedades humanas, de caráter multicultural, acolhendo a liberdade de cada pessoa em sua valiosa diferença.

Assim, dos movimentos de agregação de redes diversas, inicialmente em ações de protesto e proposição (Seattle em 1999 e Davos em 2000), surgem movimentos complexos integrando redes internacionais, dando origem aos Foruns Sociais Mundiais, com um projeto de enfrentar as grandes corporações, exigindo uma democracia econômica e política que, em sua base, defende as liberdades públicas e privadas eticamente exercidas.

Em 2001, no Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, com a participação de delegações de 122 países (com 1.502 delegados estrangeiros), foram realizadas 16 mesas redondas e cerca de quatrocentas oficinas, com um público aproximado de 20 mil pessoas, tratando de uma infinidade de temas e propostas que cerca de 900 redes presentes e demais organizações participantes vem defendendo nos diversos países, em suas mais variadas lutas, considerando a libertação dos seres humanos em suas diversas dimensões.

### **Uma Perspectiva Popular Promissora**

O avanço dessa globalização solidária está diretamente associado ao avanço do diálogo intercultural entre povos, nações, estados, movimentos e redes sociais, diálogo que supõe um alto grau de complexidade e que, em nosso juízo, somente pode ser satisfatoriamente efetivado em estratégias de redes de colaboração, melhor configuração para processos comunicativos e dialógicos capazes de gerar novos conhecimentos no intercâmbio com as mais diversas tradições, de maneira integradora, respeitando as autonomias pessoais e coletivas, na interseção entre o local e o global.

As organizações complexas de redes possibilitam preservar e promover a diversidade, a criatividade, o acolhimento da diferença ao mesmo tempo que enfatizam a integralidade, as múltiplas conexões que nos integram uns aos outros e aos ecossistemas em fluxos materiais, informativos e de valores, que nos permitem consistir em liberdade. A existência individual e isolada é uma abstração, pois a nossa subjetividade é consistente, emergindo graças a uma complexa teia de fluxos e relações, somente podendo realizar-se dignamente de modo humano graças a um infindável número de conexões que nos integram a uma família, a uma comunidade a um povo a um país e a inúmeras outras famílias, comunidades, povos e países, a inúmeras outras pessoas que, indiretamente, vivem em nós, possibilitando a nossa própria liberdade. Acolher a diversidade é condição do crescimento de cada pessoa, pois graças às retroações que ela desencadeia, podemos transcender o sentido imanente de nossos horizontes e resignificar todo patrimônio cultural de nossa tradição, seja naquilo em que ela possa contribuir para a libertação de cada pessoa e de todos os povos, seja naquilo que devemos nos transformar pois jamais somos justos o bastante. Em uma rede de colaboração solidária, desenvolve-se a consciência de que todos estamos integrados pelos fluxos de matéria, informação e valor, pelos exercícios coletivos de po-

---

<sup>2</sup> Uma análise detalhada dessa alternativa encontra-se desenvolvida em: Euclides André MANÇE, *A Revolução das Redes - A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis, Editora Vozes, 2.000

der, pela cultura sempre recriável na qual nos movemos em uma constante dialógica entre o separável e o inseparável.

Promover as liberdades significa assegurar as condições de possibilidade de seu exercício ao conjunto das pessoas. Elas podem ser agrupadas em condições materiais, políticas, informativo-educativas e éticas. Se consideramos que somente é eticamente exercida a liberdade que deseja e promove as liberdades públicas e privadas das outras pessoas e coletividades, acolhendo sua diversidade eticamente realizada e realizável, temos que concluir que as condições econômicas de tal exercício, socialmente produzidas, devem ser compartilhadas da melhor maneira entre todas as pessoas, povos e nações; temos que concluir que é necessário assegurar a autonomia pessoal e coletiva, no exercício micro e macropolítico do poder nas esferas da vida privada e pública, garantindo-se o controle democrático dos governos pela sociedade e a autodeterminação de povos e pessoas em sua ética conduta; por fim, igualmente as condições informativo-educativas devem ser asseguradas nas melhores condições possíveis a todas as pessoas. O acesso à diversidade das culturas, a habilidade em deslizar sob padrões estéticos diversos captando a riqueza dos eventos sob inúmeros códigos interpretativos, o desenvolvimento da sensibilidade ética frente ao mistério de cada ser humano em devir, gerando interpretantes energéticos e afetivos de respeito e acolhimento, são mediações necessárias para que a educação avance na realização da liberdade.

Sob o aspecto intercultural, a realização sempre mais ampliada da liberdade exige o combate das morais autoritárias dominantes e dos direitos opressores, desejando-se o outro em sua liberdade, em sua diferença. Desejá-lo em sua liberdade significa desejar que ele disponha dos meios materiais, políticos e culturais que garantam o desabrochar de sua humanidade livre, de sua própria liberdade eticamente exercida. Em uma palavra, esta ética exige que as condições históricas para a realização ética da liberdade de cada pessoa sejam asseguradas a todos os povos.

As redes de colaboração solidária, promovendo intercâmbios dialógicos entre as diversas organizações e pessoas contribuem para o desenvolvimento desta nova cultura de solidariedade, que promove a justiça, a liberdade e a paz. O cerne desta revolução das redes está na atitude de colaborar solidariamente em proveito do bem-viver de cada pessoa e de todos os povos.

O encontro humano possibilitado por essas redes, desencadeia processos de subjetivação, em que cada pessoa, pode descobrir-se diferente e acolhida em sua diversidade, pois qualquer pessoa jamais pode ser reduzida a alguma compreensão ou linguagem. Assim, integrados em redes solidárias, crescemos em nossa humanidade quando agimos de maneira dialógica, aberta ao diferente, renascendo como outra pessoa a cada dia, compreendendo a dialogicidade tanto como um fluxo de sentidos diversos comunicados entre as pessoas pela mediação signíca, quanto como a possibilidade de vigência conjunta de padrões de sentido que não se coadunem. Em outras palavras, a dialogicidade nessas redes tanto pode ser compreendida como comunicação democrática, peculiar aos diálogos que buscam o consenso, como quanto vigência simultânea de posições distintas e mesmo antagônicas que interculturalmente, preservando os dissensos, fecundam as possibilidades de realização da liberdade humana de todas as pessoas e de cada uma, condição-chave da democracia e do progresso da ciência.

Cabe destacar que nessas redes, conhecer não é reduzir fenômenos locais a conceitos universais, mas renascer com o outro pelos intercâmbios que o encontro humano possibilita. Integrar-se às redes de colaboração solidária é recriar-se a si mesmo e aos demais em fluxos que nos permitem consistir como seres humanos livres e justos, que buscam promover o bem viver pessoal e coletivo, rompendo com relações injustas e opressivas. Trata-se de compartilhar nosso trabalho, nosso consumo, nossa criatividade e nosso amor em encontros humanizantes com outras pessoas, povos e culturas, transformando-nos livremente para melhor. Trata-se, de certo modo, de uma interfecundação de todas as culturas que fluem por essas redes, promovendo a expansão das liberdades públicas e privadas, como uma possibilidade aberta, buscando uma alternativa à situação atual de exclusões e de opressão vivida pela maior parte da humanidade.

Graças ao encontro com outra pessoa, com outra cultura, posso renascer como outro, transformar-me. Minha existência, portanto, está integrada por uma consistência que a possibilita. Desconsiderá-lo é pensar ingenuamente a liberdade, é fantasiar sobre o exercício das escolhas, sem considerar as suas condições históricas de possibilidade já mencionadas.

### **Alguns Desafios Atuais**

Os *Foruns Sociais Mundiais* são atualmente o principal espaço de interlocução entre milhares de redes espalhadas em todo o mundo, avançando na construção da globalização solidária. A integração dessas diversidades, que somente podem florescer plenamente onde houver colaboração solidária entre as pessoas, organizações e movimentos, tem como principal desafio, a construção de redes de colaboração solidária, integrando, compartilhando e sustentando o conjunto dos avanços dos movimentos e organizações, bem como articulando o enfrentamento coletivo dos diversos desafios locais e globais interconectados.

O projeto de que sejam realizados Fóruns Sociais Mundiais em todos os anos e em diversos lugares do mundo nas mesmas datas, institui novos espaços de diálogos que avançam na consolidação dos acordos sociais que apontam para uma globalização solidária. Para além dos Estados e dos Mercados, as redes avançam na afirmação de um novo projeto hegemônico democrático. Não se trata apenas de controlar os orçamentos governamentais e as políticas públicas com a participação autônoma da sociedade em governos populares, mas de controlar com igual autonomia popular todas as cadeias produtivas dos processos econômicos, integrando o local e o global sob uma lógica de desenvolvimento, ecológica e socialmente sustentável na perspectiva da economia solidária. Trata-se também de afirmar uma nova cultura de solidariedade que permeie as micropolíticas do cotidiano, reafirmando a dignidade de cada ser humano em sua singularidade e as garantias necessárias à realização de seu direito ao bem viver.

Economicamente, a conexão em rede do consumo e produção em laços de realimentação, com distribuição de renda, viabiliza economicamente a consistência e expansão desse sistema solidário. Trata-se da difusão do consumo e labor solidários, aprimorando as práticas de micro-crédito, autogestão de empresas, cooperativas de consumo, redes de comércio justo, redes de trocas solidárias, agricultura orgânica e tantas outras. Busca-se, portanto, integrar consumo, comercialização, produção e crédito em um sistema harmônico e interdependente, coletiva e democraticamente planejado e gerido, que serve ao objetivo comum de responder solidariamente às necessidades da reprodução sustentável do bem viver das pessoas em todas as suas dimensões, inclusive, nos âmbitos da cultura, arte e lazer<sup>3</sup>.

Praticar o consumo solidário significa selecionar os bens de consumo ou serviços que atendam nossas necessidades e desejos visando tanto realizar o nosso livre bem viver pessoal, quanto promover o bem viver dos trabalhadores que elaboram aquele produto ou serviço, como também visando manter o equilíbrio dos ecossistemas. Trata-se de comprar produtos e serviços da economia solidária. De fato, quando consumimos um produto em cuja elaboração seres humanos foram explorados e o ecossistema prejudicado, nós próprios somos co-responsáveis pela exploração daquelas pessoas e pelo prejuízo ao equilíbrio ecológico, pois com nosso ato de compra contribuimos para que os responsáveis por essa opressão possam converter as mercadorias em capital a ser reinvestido do mesmo modo, reproduzindo as mesmas práticas injustas socialmente e danosas ecologicamente. O ato de consumo, portanto, não é apenas econômico, mas é também ético e político. Trata-se de um exercício de poder pelo qual efetivamente podemos apoiar a exploração de seres humanos, a destruição progressiva do planeta, a concentração de riquezas e a exclusão social ou contrapor-nos a esse modo lesivo de produção, promovendo, pela prática do *consumo solidário*, a ampliação das liberdades públicas e privadas, a desconcentração da riqueza e o desenvolvimento ecológico e socialmente sustentável. Ao selecionar e consumir produtos identificados pelas marcas das redes solidárias nós contribuimos para que o processo produtivo solidário encontre seu acabamento e que o valor por nós dispendido em tal consumo possa realimentar a produção solidária em função do bem viver de todos que integram as redes como produtores e consumidores.

---

<sup>3</sup> Cf. *Construindo a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária*. Rio de Janeiro, PACS, 2000, p.29

O *labor solidário* significa, além dos aspectos referentes à autogestão e corresponsabilidade social dos trabalhadores, que o excedente do processo produtivo – o qual sob a lógica capitalista é acumulado por grupos cada vez menores – seja reinvestido solidariamente no financiamento de outros empreendimentos produtivos, permitindo integrar às atividades de trabalho e consumo aqueles que estão sendo excluídos pelo capital, ampliar a oferta de bens e serviços solidários e expandir as redes de produtores e consumidores, melhorando as condições de vida de todos que aderem à produção e ao consumo solidários. Assim, com os excedentes gerados nos empreendimentos solidários organizam-se novos empreendimentos produtivos criando-se oportunidade de trabalho para desempregados, propiciando-lhes um rendimento estável que se converte, graças ao consumo solidário praticado por esses mesmos trabalhadores, em aumento de consumo final de produtos da própria rede, gerando-se assim mais excedentes a serem investidos. Os novos empreendimentos visam estrategicamente passar a produzir aquilo que ainda é adquirido no mercado capitalista, sejam bens e serviços para consumo final ou insumos, materiais de manutenção e outros itens demandados no processo produtivo. Esse expediente – acompanhado de uma crítica dos padrões capitalistas, ecologicamente insustentáveis de produção e consumo – visa corrigir os fluxos de valor, a fim de que o consumo final e o consumo produtivo não desajuguem na acumulação privada fora das redes, mas possam nelas realimentar a produção e o consumo solidários, completando os segmentos das cadeias produtivas sobre os quais as redes ainda não tenham autonomia.

Sob a perspectiva das *redes de colaboração solidária* trata-se pois, no campo econômico, de garantir a satisfação de demandas singulares, não em função do lucro, mas em razão do bem viver de cada uma e de todas as pessoas, compondo-se da melhor maneira possível o exercício solidário das liberdades.

Politicamente, cabe avançar na gestão democrática do poder, buscando garantir a todas as pessoas iguais condições de participar e decidir não apenas sobre as atividades de produção e consumo praticadas nas redes, mas também, nas demais esferas políticas da sociedade, visando combater toda forma de exploração de trabalhadores, expropriação de consumidores e dominação política ou cultural, enfatizando o valor da cidadania ativa na busca do bem comum e da cooperação entre os povos.

No campo da informação e educação, cabe promover, da melhor maneira possível, a circulação da informação e geração de interpretantes que não apenas permitam ampliar os conhecimentos de cada pessoa, suas habilidades técnicas e domínios tecnológicos ou a sua competência em produzir e interpretar novos conhecimentos necessários às tomadas de decisão em todas as esferas de sua vida, mas que além disso permitam recuperar a sensibilidade, a auto-estima e outros elementos de ordem ética e estética, imprescindíveis à realização do bem viver de cada pessoa e de toda a coletividade.

Eticamente trata-se de promover a solidariedade, isto é, o compromisso pelo bem viver de todos, o desejo do outro em sua valiosa diferença, para que cada pessoa possa usufruir, nas melhores condições possíveis, das liberdades públicas e privadas. Desejar a diferença significa acolher a diversidade, de etnias, de religiões e credos, de esperanças, de artes e linguagens, em suma, acolher as mais variadas formas de realização singular da liberdade humana que não neguem as liberdades públicas e privadas eticamente exercidas. Promover as liberdades significa garantir às pessoas as condições materiais, políticas, informativas e educativas para uma existência ética e solidária.

Canalizando fluxos de valor, de matérias e de informações, essas redes possuem um caráter simultaneamente econômico, político e cultural. Trata-se do ingresso da humanidade não apenas em um novo ciclo virtuoso de crescimento econômico, mas em uma nova forma política e culturalmente solidária de organizar-se a vida dos povos e das pessoas entre si.

O fortalecimento cultural destas redes sob o princípio complexo da *integralidade* e da *diversidade*, permitirá que elas, econômica e politicamente, avancem na propagação da colaboração solidária entre os povos e pessoas, promovendo múltiplas formas de expressão e comunicação e integração econômica. Claro está, pois, que o avanço econômico e político da colaboração solidária depende, intrinsecamente, do fortalecimento de laços interculturais que venham a se estabelecer no conjunto dessas redes.